

## FLS 5174 - Gênero e Trabalho. Desafios nacionais, debates internacionais

Aula 7 – *A classe operária tem dois sexos. Processos de trabalho, relações de trabalho e relações sociais de sexo.*

18/09/2017

Temas para abrir o debate: sugestões colhidas nos informes de leitura n° 6  
(Cf. Seleção e sistematização de Helena)

*Observação : começamos a segunda parte da aula lendo e discutindo o informe de Mariana F.A. Rivera sobre a organização do trabalho no próprio curso ». Seu informe propõe um outro tipo de dinâmica de discussão dando mais espaço para « conversar mais, trocar mais nos nossos encontros semanais (...) no coletivo, na relação entre as pessoas »... « poderíamos usufruir muito de maior tempo de troca mais aberta ». Decidimos, assim, a partir da Aula 8, não apresentar mais uma síntese dos informes, mas começar diretamente a discussão sobre a base da apresentação das questões e comentários a partir dos informes pelas próprias/os alunas/os.*

### 1. A classe operaria tem dois sexos

- Sim, mas não só (Iuri Cardoso) (referencia aos trans) também podemos pensar nos bissexuais, por ex. Segundo Iuri, a divisão sexual do trabalho é útil “sobretudo para análises macrossociais” e é, depois de 30 anos, ainda “ uma “categoria útil de análise sociológica”)
- A classe trabalhadora possui além de dois sexos outras diferenças entre si (Ana Julieta Balog)
- Pergunta de Thor Ribeiro: a ideia que o operariado tem dois sexos seria considerado desmobilizante para as lutas e sindicatos? Helena acredita que sim, e até hoje a unidade da classe operaria é um pressuposto teórico e político que orienta a estratégia sindical e política.
- “A análise marxista seria também responsável, ao considerar as classes sociais unicamente, pelo fortalecimento de estereótipos no trabalho feminino » pois “a questão da exploração, como conceito chave do marxismo, foi insuficiente para discutir a opressão das mulheres nas relações de gênero na sociedade (Simone Dantas Miranda).
- No que diz respeito à crítica feminista às análises marxistas tradicionais que postulam a unidade da classe operaria, Hirata e Kergoat citam como as primeiras críticas a tais análises C. Delphy e N.C. Mathieu. Ora, antes delas houve Kollontai (Gabriela Bussab): Em 1918 Kollontai em “A nova mulher e a moral sexual” afirma que as condições da mulher operaria são distintas das condições do homem

operário, mesmo se ela não critica explicitamente o conceito de unidade da classe operaria (cf. Também Wendy Goldman em Mulher, Estado e Revolução).

- A classe operaria tem dois sexos significa que existem diferenças importantes no interior dessa classe (relações de poder) (Bianca Briguglio)
- A classe operaria tem dois sexos mas é necessário se referir às relações existentes nas famílias e não ha revisão das responsabilidades femininas na casa.

## 2. Gênero e classe

- Questão da consciência de classe e da consciência de gênero. Como organizar as trabalhadoras/os trabalhadores a partir de uma perspectiva de classe. Quem são os sujeitos revolucionários ? Que instrumentos de organização ? (Tassia Almeida) (Helena se refere à problematização em termos de « classes populares » (Olivier Schwartz) na França. Também M. Celeste Almeida pergunta: “quem faz parte dessa classe operaria?”, já que estamos no “pós-grande indústria”. Pertinente a formulação de Tassia Almeida : « O feminismo pode então ser um caminho de chegar às mulheres trabalhadoras ?, pois isso se verifica em grupos de organização e formação reunindo professoras, metalúrgicas, militantes de movimentos sociais na zona sul de SP, HH)
- O trabalho como solução para o problema das relações de embaralhamento entre classe e consciência de classe (Marcel Maia)
- Os movimentos feministas tem deixado de lado a dimensão de classe por demandas por reconhecimento de identidades culturais. E importante colocar a dimensão de classe como elemento fundamental para a compreensão das desigualdades de gênero (Beatriz R. Sanchez)
  - A consciência de classe inclui a heterogeneidade de experiências de operários e operarias reivindicada por Elisabeth Lobo dentro desse conceito totalizante de « consciência de classe » (não é pertinente a oposição « homem consciência de classe e mulher não-consciência de classe » (Ticiane Natale)
  - Utilidade de uma bibliografia sobre consciência de classe (Paula S. Coelho)
- Há diferentes relações com a maternidade segundo a classe social. O disfarce de privilégios nas discussões sobre igualdade : o discurso sobre igualdade pode disfarçar privilégios de classe (Mariana Mazzini)
- Raquel Lindoso formula 5 questões para discussão desse tema entre as quais: ampliar o conceito de consciência de classe; examinar como a economia capitalista incorpora a divisão sexual do trabalho; importância do conceito de experiência

- José Baboin aproxima Elisabeth Lobo e Claudia Mazzei Nogueira sobre operarias do telemarketing. A negação da distinção de sexo na classe operaria não unifica a classe operaria, mas promove sua cisão
  - Classe e gênero segundo Taina Gois; 1) o capitalismo aproveita das desigualdades; 2) Divisão sexual do trabalho, qualificação formal e “natural”. O capital é hegemônico das relações de produção (qual trabalho é valorizado, o que é trabalho?); 3) “De certa forma, algumas vezes um tipo de idealismo volta ao campo dos estudiosos e dos militantes, fazendo com que acreditem que a classe trabalhadora, por ser sujeito revolucionário, não incorre em contradições capitalistas – como, por exemplo, a cegueira para sua própria composição ».
3. Quali e quanti na sociologia do trabalho e do gênero. Enfoques teóricos e empíricos. Questões de método.
- Muitas referências nos informes sobre o conceito de “destino” (feminino) e de “escolha” (masculino) : A sociografia de Elisabeth Lobo sobre o aumento do número de operarias (quanti) e a forte ideia do “destino” (quali) , dos papéis pré-definidos pelo gênero (Julia Neiva). O “destino” determina suas vidas sem escolha (M. Celeste Almeida). Destino e rotina (mulheres) versus criatividade (homens) (Paula Figueiredo). O peso das relações sociais de sexo na constituição do “destino” (Bianca Briguglio).
  - Nayara B. do Nascimento faz um paralelo entre os dados da PNAD de 2015 sobre as mulheres chefes de família e a trajetória e experiência de 3 operarias descritas por Elisabeth Lobo, todas mães.
  - O empírico ilumina o teórico: “A diferença entre os sexos é relatada a partir das funções ocupadas por cada um dentro das fabricas, as experiências vividas e as representações feitas sobre o próprio trabalho. Assim é possível observar que a forma como as mulheres vivenciam o trabalho é diferente dos homens, além de dentro delas mesmas » (Ana Julieta Balog)
  - Questões de método: Cuidado na análise das entrevistas com os homens (Paula Figueiredo), mas também na análise das entrevistas com as mulheres é necessário cuidado (HH); a questão do “useful concept” para a análise histórica ou sociológica, em relação a Butler e Scott (Paula Figueiredo); complexidade das relações sociais e necessidade de um exame do conjunto (gênero, classe, divisão sexual do trabalho) (Eliana Elias)
  - Carla B. Martins pergunta que diferenças entre Heleieth e Elisabeth Lobo, pois Heleieth afirma no seu artigo em homenagem póstuma a Elisabeth que há divergências mas não menciona quais. HH no início dessa parte da aula apresenta os elementos seguintes de divergência:

do ponto de vista partidário Elisabeth Lobo milita no PT enquanto que Heleieth foi próxima do PCB; E. Lobo se identifica e escreve uma biografia na coleção “Primeiros passos” da Ed. Brasiliense sobre a anarquista Emma Goldman, quando o anarquismo está muito longe das convicções ideológicas de Heleieth; conceitos de exploração e classe criticadas por Elisabeth Lobo, enquanto que Heleieth critica o conceito de exploração apontando para a necessidade de integrar a opressão, mas deixa intacto e sem crítica o conceito de classe social; enfim, para Elisabeth Lobo a emoção, a subjetividade, o afeto, são tão importantes quanto a ação política.

#### 4. Reflexões epistemológicas sobre a disciplina sociologia do trabalho e os temas eleitos pela sociologia do trabalho e do gênero na França e no Brasil

- Porque a escolha da indústria e do trabalho produtivo? As causas, segundo as hipóteses de Thor S. Ribeiro: 1) hegemonia dos homens na sociologia do trabalho; influencia do marxismo ortodoxo. Dai a resistência a esquemas teóricos próprios para pensar a sexuação no mercado de trabalho O trabalho industrial não foi a maior fonte de postos de trabalho para nenhum dos sexos. Para Cynthia Toledo dialogo com o marxismo é uma singularidade do feminismo francês. Re-conceitualização das classes sociais.
- O tema da qualificação (Simone Dantas a partir da leitura de Abreu) e o arquétipo ainda vigente do trabalhador industrial do sexo masculino, adulto, branco; a diferença entre qualificação masculina e feminina segundo Elisabeth Lobo é utilizada até no universo semântico e no universo simbólico (Juliana Kiyomura); qualificação: persistência da hierarquia e subordinação entre tarefas não qualificadas (mulheres) e qualificadas (homens); Importante: qualidade versus qualificação (Paula Figueiredo)
- “Ajuda” e não colaboração/parceria mesmo ambos os sexos sendo operários (Juliana Kiyomura); complementaridade entre papéis masculinos e femininos que embasam a representação de homens e mulheres no mercado de trabalho (Geni Ap. Marques); objetivo da divisão do trabalho: a separação entre concepção e execução, hierarquia e controle (Michel Freyssenet citado por E. Lobo) (M. Celeste Almeida)
- Esse é um momento importante “na construção do campo dos estudos sobre a mulher nas ciências sociais” pois passa a analisar “a construção social simbólica de gênero que emerge nas relações de trabalho e respectivas narrativas” e “perturbam a logica do discurso biológico (Angela Guerreiro). E. Lobo é herdeira da tradição francesa (D.

Kergoat e H. Hirata) e da tradição anglo saxã, quanto aos aspectos simbólicos do gênero (Cinthia T. Toledo). E. Lobo aposta que a inclusão de aspectos simbólicos permitiriam a entrada definitiva do gênero na sociologia do trabalho Ela acertou? (Cinthia Toledo)

- A inserção das perspectivas analíticas de gênero permite visibilizar que são as mulheres que se concentram em trabalhos simples, repetitivos e desprovidos de significados: “*meu trabalho não é lá essas coisas*” (E. Souza Lobo, p. 138) (Mariana Mazzini).
- A evolução da disciplina de 1960 a 1980, de Heleieth a E. Lobo: complexidade da questão aparece na passagem do estrutural ao social e ao simbólico (Marcel Maia)
- A importância dada por E. Lobo à construção histórico cultural e à identidade no trabalho aproxima dos temas da comunicação organizacional (Juliana Wruck).
- Relação entre a divisão do trabalho e o conhecimento, entre divisão social e sexual do trabalho e a divisão do saber e do poder entre os sexos. Como subverter essa divisão dado que maior qualificação não implica em redivisão do trabalho produtivo nem reprodutivo (Cecilia Barreto).
- Divisão sexual do trabalho e processo de trabalho (a partir da leitura de C. Rizek e M. Leite): o conceito de divisão sexual do trabalho/gênero permite apreender dimensões fundamentais do processo de trabalho ( Ivana G. de Oliveira)
- E. Lobo: Relação entre teoria e prática, partir de exemplos concretos e posicionamento militante (Paula S. Coelho).
- Construção social do masculino e do feminino, e desvalorização do feminino (Bruna Martinelli)

##### 5. Feminismo, movimentos sociais, ciência

- Necessidade do feminismo ser considerado ciência e não apenas movimento pensando na criação de uma vertente de estudos que considerar a dominação masculina no trabalho (Simone D. Miranda)
- Discussão sociológica e dimensão política da organização da classe trabalhadora (exemplo do CBA, Congresso Brasileiro de Agroecologia em Brasília) (Tica Moreno)
- Um indivíduo pode estar na esfera produtiva mas não na esfera pública (o exemplo do negro) (Taina Gois)
- Como pensar a sindicalização e a contestação coletiva das mulheres se o sindicato é um mundo masculino? Como trazer as questões da reivindicação das mulheres para a ordem do dia do movimento operário? (José Baboin)
- Ouvir as análises das próprias operárias, e não só da academia; dos

movimentos sociais e da sociedade civil organizada (Julia Neiva)

#### 6. Questões sobre interseccionalidade

- Será que a relação de geração não é também estruturante? Sempre ha uma diferença geracional entre as pessoas. Questão das relações contingentes versus relações estruturantes (Ticiane Natale) (cf. Aula 11)
- Também Beatriz Sanchez vê as premissas da perspectiva interseccional no texto de Hirata/Kergoat com a indissociabilidade classe-gênero e a referencia à Angela Davis para a raça. Também Cinthia Toledo identifica o desenvolvimento da ideia de consubstancialidade/coextensividade.

#### 7. Outras questões

- Angela Guerreiro enumera 3 questões (importância dos textos de Lobo e Hirata/Kergoat para a construção do campo de estudos sobre gênero; periodização da noção de “construção simbólica” de gênero nos anos 90; repercussão da construção de “relações sociais de sexo” para os estudos da área): para as 3 questões cf. Texto “Paradigmas sociológicos” da aula 5
- Ana Julieta Balog constata que os textos para leitura são dos anos 70 e 80 e se pergunta como se dão as diferenças sexuais hoje, qual o lugar da mulher no setor de serviços, que representações de si e do trabalho, se o trabalho continua sendo parte da identidade de uma mulher pobre e enfim se a maternidade tem o mesmo papel que antes
- Mariana Mazzini se pergunta como o feminismo pode incorporar as necessidades e as praticas de mulheres do setor popular.
- Marcel Maia se refere aproximando Hirata/Kergoat a Goffman de Gender Advertisements (1976) : representação das mulheres nas publicidades de revistas. A questão da sexuação do social; também o trabalho como articulador da identidade de classe (E. Lobo).
- Beatriz Sanches pergunta porquê a discordância de Hirata/Kergoat quanto à reivindicação de paridade (controvérsia sobre a questão da “parité” na França)
- questão de interpretação sobre a divisão sexual do trabalho que funda a hierarquia de gênero e sobre a atualidade e necessidade da divisão sexual do trabalho no capitalismo (Bruna Martinelli)